



O Senhor D. Antonio Barroso e os noivos ultimamente consorciados em Palmeira D. Izilda da Conceição Ferreira Rego e dr. Adolpho Ribeiro de Lima da Costa Azevedo

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento Traduzido do original em
Françes do Padre Tes-
nière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente
tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se acceitam encommendas da mes-
ma obra.

Theologia Moral Universal

por

PEDRO SCAVINI

Segunda edição portugueza, traduzida e acuradamente revista e annotada sobre a 16.^a e ul-
tima edição latina, por Mgr. José Marques Brito e Cunha, bacharel em theologia, protonotario
apostolico de S. Santidade, professor do Seminario de Vizeu, conego capitular da Sé de Vizeu.

A Theologia Moral de Scavini é o tratado de Moral mais completo que se tem publicado
no mundo.

Só esta Theologia recebeu louvores de Pio IX.

Esta edição está absolutamente actualisada e profusamente enriquecida com novissimos de-
cretos.

A obra é impressa em bom papel e consta de 6 grossos volumes, nas dimensões de 22 por
15 c.^m com mais de cinco mil paginas de texto.

Preço da obra, isto é, dos 6 volumes: em brochura, 7\$200 reis e bellamente encadernada
custa 9\$000 reis.

Pelo correio, para Portugal e Ilhas, accresce mais 250 reis.

Pelo correio, para o Brazil 1\$200 reis.

Companhia Portugueza Editora

SECÇÃO RELIGIOSA

Rua da Fabrica, 13--Porto

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, aparelhos,
productos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica
Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição
dos amadores.

Lições praticas de photographia.
Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio.

Mandam-se catalogos gratuitamente
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semana de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 30 de maio de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 48—Anno I



LOULÉ—A procissão de N. S. da Piedade sahindo da igreja de S. Francisco. Sob o pallio, conduzindo o Santo Lenho, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Antonio Barbosa Leão

COM uma periodicidade atterrorisante, os assassínios pessoaes vão demarcando na vida do paiz, os degraus dos ultimos periodos das decadencias moraes.

Já não se tracta de saber se a facção politica do facinora da Covilhã, as ideias necessariamente rudimentares do sicario que apunhalou o sr. Viegas, ou o coio negro onde se afiam os instinctos perversos do assassino do capitão da marinha mercante, em plena rua do Ouro, em Lisboa.

Não! que o mal mostra nas escaras um perigo e uma eminencia tão flagrantemente impressionantes e horrendas, que a applicação das condemnações das gazetas, já não evita a sua deflagração mortal.

Ha quem veja no atacar estes problemas pela sua essencia, pelo flanco dos principios, pairando na superioridade das esferas moraes, um subterfugio á coragem e ao denodo. Esses entendem que todo o ataque e toda a critica que se faça sem lardear a phlauria flammante dos politicões com apodos candentes ou tiradas amparadas ás muletas da adjectivação pomposa, redundam inanes e são esquecidas do publico.

Somos, comtudo, da opinião contraria, isto é, a de que conhecedor do mal, depois de o estudar com um criterio fundo de analysta consciencioso e de homem intelligente, o encarregado de levar ao publico uma ideia que o oriente, que lhe mareie os juizos pelos baixios das criticas de café, inspiradas n'uma futilidade de *blagueurs* e no espirito azulado dos licores, deve dirigir-lhe o bisturi impiedoso, dissecando-o ao publico que lê, em toda a sua verdade, independentemente dos interesses dos partidos, dos nomes consagrados dos apóstolos, da maior ou menor complacencia em que a grande massa dos burguezes acalenta, attenua e abafa as negras patifarias e as mais ruidosas immoralidades.

No caso sujeito, o descobrir que o esfaqueador da Covilhã pertencia á *formiga branca* é ponto secundario, e tão inferior que nem mesmo talvez explique os outros attentados, ao que parece filiaos na desordem e na indisciplina que atordoa e dementa as classes operarias quando os criminosos arautos das revoluções libertarias lhe accendem nos instinctos rudes do trabalho, o lume da vingança e do desforço illegitimo, uma aspiração de felicidade tão illimitada que partindo do bem abraça o roubo e o crime e cae a babujar sobre as mansardas da miseria

O que se tem de inquirir é o estado psychologico d'um povo que consente no seu seio

a serpente d'uma *formiga branca*, a situação moral d'uma patria em que o assassinato, quer por motivos politicos, quer por motivos economicos e sociaes, se verifica com uma assiduidade unicamente admissivel n'uma tribu primaria de cafres.

A anarchia de cima, repetimo-lo mais uma vez, é a anarchia de baixo. O governo é o retrato dos governados, como a familia é o da sociedade a que pertence.

Ora, esta anarchia não é simplesmente de ordem politica, mas de ordem moral, e assim, não ha outro meio de a combater senão propagando e instillando no corpo ferreteado pela tara, a doutrina salvadora, adversa do mal de que aquella desordem é mero effeito.

Onde se disser que o assassinio é meio legitimo, responda-se: não matar. Onde se afirmar que a propriedade é um roubo, declare-se: não roubar. Onde se gritar que o trabalho é mister de párias, ensine-se que elle é uma honra, um meio de nobilitação, um cadinho de aperfeiçoamento, um signal de resgate.

Disse-o tambem Le Play e accrescentou, concluindo, que uma sociedade em que os principios do Decalogo mosaico foram desprezados, estremece no pavoroso e mortal delirio que lança os seus membros nas raivas dos precitos e os atira por fim á voragem negra dos abysmos d'onde nunca mais é possivel libertarem-se!

F. V.

Maio, adeus!

OOO

*Horá de paz. Que sol a entardecer!
Murcham, no altar, de dôres e saudades,
Lusos festões de todas as herdades;
E a Virgem baixa o seu olhar pr'ós vêr.*

*O ultimo sol de Maio vae môrrer.
O povo chora um pranto de orphandades.
Vêde a pressa do tempo... Já Trindades!
Christãos, soou o toque a recolher...*

*E os corações—como quem teve um damno—
Apartam-se da Virgem, tristemente
Dizendo: «Até ao anno! Até ao anno!»*

*Adeus! Que magua, oh Portugueza Gente!...
Mas ELLA fica a todo o desengano
Sorrindo annualmente, eternamente...*

Porto—Collegio Almeida Garret.

P.º DONACIANO DE ABREU FREIRE.



O ratinho de theatro



A vida interior do theatro offerece, como é notoriô, singulares contrastes com o brilho, a alegria e as vistosas apparencias das festas publicas celebradas no palco. Os artistas trabalham muito, e sempre á mercê d'uma recompensa incerta. A sua gloria é, as mais das vezes, ephemera.

Ha annos Pedrinho, creança de poucos mezes, era levado para o theatro durante as horas de espectáculo, e deixavam-no sósinho no camarim onde sua mãe, pobre actriz, se vestia, e alli ficava, n'uma caminha feita com roupas do theatro, envolvido n'um capote. Muitas vezes Pedrinho dormia; outras, acordava e chorava, sem quê ninguém corresse a consola-lo.

Ninguém podia tratar d'elle; os coristas, os pontos e os encenadores, todos enfim, iam e vinham pelos corredores; ouviam-no, mas não podiam cuidar d'elle, occupados como estavam nos seus trabalhos; a mãe, muitas vezes, enquanto o pequerrucho chorava sósinho, estava no palco fazendo piruetas, fingindo contentamento e mostrando um semblante prazenteiro aos espectadores que applaudiam a comedia, satisfeitissimos.

Pedrinho, comtudo, acabou por tomar o partido que lhe restava: decidiu-se a não chorar; se acordava e se via só no camarim, ficava callado, olhando com os olhos muito abertos para o tecto do quartinho ou para os fatos de lentejoulas, pendurados dos cabides, ou para a luz de gaz que alumiaava o camarim, ou para uma chammasinha azulada que oscillava, jogando com outra chamma reflectida no espelho. Pobre Pedrinho!

Cresceu o pequenito, começou a fallar e a andar, e então a mãe, que continuava levando-o para o theatro, encerrava-o no camarim, e o pobre Pedrinho alli passava, arrastando-se ou andando a custo, emquanto durava o espectáculo, ou o papel da actriz.

— E tu, Pedrinho, — costumavam perguntar-lhe os companheiros de sua mãe — quando te estreias?

O empresario chegou a conhecer o pequeno, e a querer-lhe bem, especialmente quando já andava bem e fallava como um papagaio.

Era uma creancinha muito viva, com uns

olhos grandes, animados e muito expressivos, intelligência desperta e saídas tão engraçadas como inesperadas e a proposito. O rosto era pallido e o corpinho delicado e franzino.

A mãe já não deixava encerrado no quarto, deixava-o correr livremente pelos corredores do theatro, e até descer ao palco e ficar de traz dos bastidores, ao pé d'ella; era alli que elle muitas vezes esperava que ella acabasse, com o abafo no braço, para que ella podesse agasalhar-se ao sahir, suada, do seu rude exercicio.



LOULÉ—Outro aspecto da procissão de Nossa Senhora da Piedade

— Este Pedrinho é um ratinho de theatro! — dizia o director.

— Nasceu e creou-se aqui. Pedrinho faz parte da companhia — costumavam dizer muitos dos artistas.

Como assistia a todos os ensaios e espectáculos, chegara o pequeno a adquirir uma aptidão admiravel, aprendia com facilidade as fallas dos actores em muitas peças, cantava com afinação e com uma vozinha delicada todas as peças de musica. Havia de vir a dar um artista, talvez um grande artista!

Pedrinho, o famoso Pedrinho, tornou-se celebre.

Era preciso ve-lo no palco! Todos os artistas, os musicos, os poetas, os operarios do theatro, perguntavam por Pedrinho. Até que um



dia um auctor se lembrou de aproveitar o talento d'aquella linda creança, d'aquelle ratinho de theatro.

O pequeno estava impaciente, desejava começar quanto antes a sua carreira artistica.

— Pedrinho — disse-lhe um dia o empresario — vou escripturar-te!

Animou-se o rosto do pequeno ao ouvir estas palavras. Retouçava-lhe a alegria no corpo.

ram-no primeiro a figurar como comparsa, com outros rapazes, n'uma 'peça de espectáculo... e logo se convenceram, tanto o empresario como o auctor, de que Pedrinho possuia a serenidade sufficiente e a desinvoltura necessaria para desempenhar um papel.

— Ai, filho, ainda vaes representar primeiro que eu, que me vejo condemnada a desempenhar toda a vida papeis muito secundarios! — dizia-lhe a mãe.

Tratava-se d'um drama; o pequeno representava uma scena muito bonita no primeiro acto, sustentando um dialogo, já bastante longo, com um actor que representava o papel de criminoso. Este, enganando uma creança, insinuava-se no seu animo, e conseguia sequestrá-lo.

No segundo acto tinha o pequeno um monologo, não muito longo mas que elle recitou com notavel expressão, e até com verdadeira inspiração. Via-se elle entre os bandidos que o haviam sequestrado, e estranhava aquelle horrivel covil.

Por fim, no terceiro acto tragico, apparecia Pedrinho desmaiado no meio da scena, ferido gravemente, nos braços d'um soldado que o fôra libertar do poder dos bandidos, deixando-o alli. A prima dona, que fazia o papel de mãe do pequeno sequestrado e ferido, chegava ao pé d'elle, beijava-o, chorava... e o pequeno, recobrando momentaneamente os sentidos, dirigia á mãe algumas phrases entrecortadas, e, por fim, recahia no desmaio e expirava.

Era aquella uma scena de horror que devia commover profundamente o publico, porque aquella desgraça era uma terrivel vingança, necessaria para tornar a peça mais pathetica.

Pedrinho, nos ensaios, representara o seu papel maravilhosamente. Tão bem, que a mãe, a sua verdadeira mãe, que tomava parte no espectáculo, não tinha querido prestar muita attenção ao terceiro acto.

— Afinal — dizia — trata-se d'uma scena triste.

A estreia da obra despertou grande entusiasmo no publico; o auctor foi muito applaudido, e quasi toda a gloria coube a Pedrinho.



LOULÉ—Bodo aos pobres por occasião da festa de Nossa Senhora da Piedade. Ao fundo a casa do abastado proprietario sr. José da Costa Mealha.

(Clichés do rev. José Callapez).

— Queres que te contrate? Dou-te dois tostões por noite, queres?

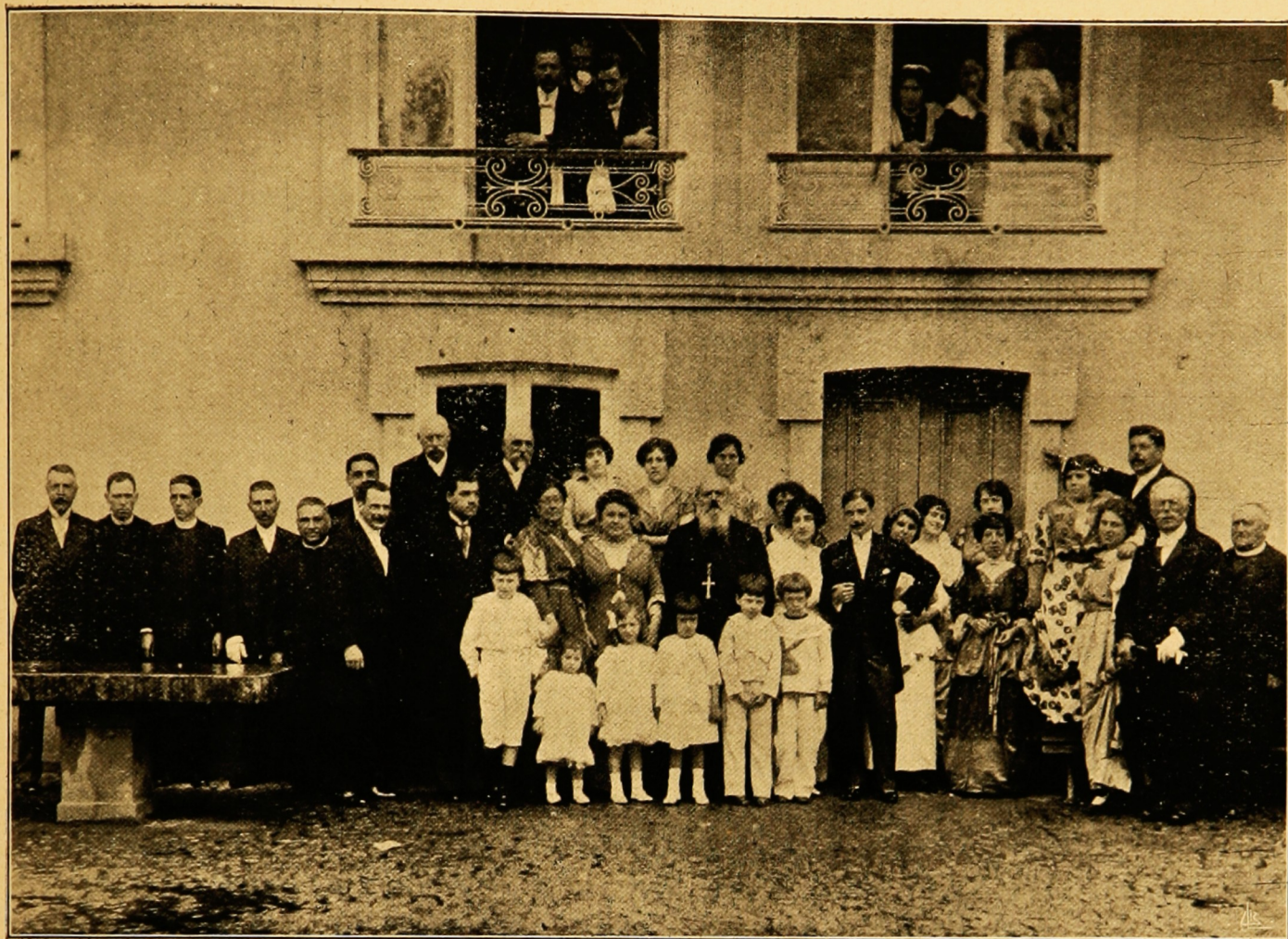
— Quero, quero! — replicou o pequenito, esfregando as mãos de contente.

— Mas primeiro quero que percas o medo ao publico.

— Eu não tenho medo!

— Sabes tu lá se tens ou não! Nunca sahis-te ao palco, — replicou o empresario.

Apesar dos protestos do pequeno, obriga-



PALMEIRA—(Braga). O senhor D. Antonio Barroso, os noivos, suas familias e convidados depois de realisado o consorcio

No dia 16 do corrente mez realisou-se em Palmeira (Braga) o consorcio do sr. Adolpho Ribeiro Lima da Costa Azevedo, quintanista de Direito, da Universidade de Coimbra, com a sr.^a D. Isilda da Conceição Ferreira Rego, gentil filha do snr. dr. Manuel Joaquim Peixoto do Rego. A' cerimonia religiosa, que revestiu um caracter muito intimo, presidiu o senhor D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto, que dirigiu aos noivos uma eloquente allocução.

Serviram de padrinhos: por parte do noivo, seus paes, os snrs. Viscondes de Barrosas; e por parte da noiva, seu pae o snr. dr. Peixoto do Rego e sua irmã, a snr.^a D. Francisca Peixoto.

Aos noivos foram offerecidas muitas e valiosas prendas.

— Não admira; — diziam os artistas! — Este pequeno está-lhe na massa do sangue ser actor. Actor foi seu pae; sua mãe é actriz... creou-se entre bastidores... é um ratinho de theatro!

Toda a gente soube que aquella encantadora creança era filha da característica da companhia,

Poucas noites depois da estreia succedeu um facto inesperado: a prima dona, que na peça fazia de mãe de Pedrinho, adoeceu, e a verdadeira mãe de Pedrinho teve que aprender em poucas horas o papel. Chegava-lhe, por uma casualidade, a desejada occasião de desempenhar um papel dramático... A sua ambição de tantos annos!



Major Eduardo Miguel Correia, ultimamente assassinado á facada na Covilhã

Comtudo o auctor e o empresario temiam que ella se não sahisse airosamente do desempenho, e fizeram pôr nos cartazes d'aquella noite uma nota em que pediam a benevolenciã do publico para a actriz que ia representar o papel d'um personagem que não correspondia ao seu genero artistico.

Chegado o momento foi profunda a surpresa. A mãe de Pedrinho foi admiravel no primeiro acto.

—E' o filho d'ella... e por isso está inspirada—diziam os espectadores,

No segundo acto houve uma explosão de enthusiasmo.

—Aquella mulher está sublime!... E' uma grande actriz!



Chegou o terceiro, e, por fim, o momento em que Pedrinho, ferido e desmaiado, apparecia nos braços do seu libertador.

O grito da mãe foi horrivel, commoveu todos os espectadores.

E quando Pedrinho pronunciou as ultimas phrases e fingiu que morria, a mãe exprimiu patheticamente a sua tragica dôr... chorou, gritou, beijou e abraçou o filho de tal modo... que Pedrinho, creança, o talentoso actorzinho, o ra-

MO
|
OO

VIDA INTENSA

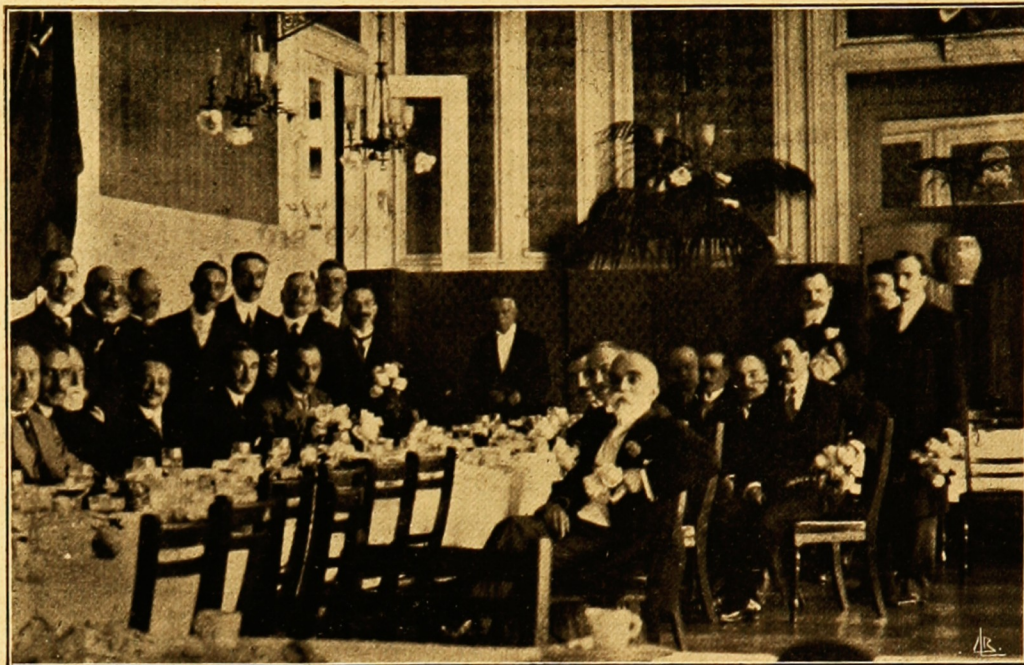
(CHRONICA D'ALÉM FRONTEIRAS)

OO



M AURA foi acclamado, ha'dias, em Madrid, em plena *carrera*, á hora elegante da confusão, quando voltava do congresso, com alguns amigos, e acclamado, o que tem mais valor, por operarios e populares. Não foi a *elite* social que mais ou menos concretisa o amor pela ordem e pela lei mas uma multidão vibrante de anónimos entusiasmados, o povo afinal, com toda a sua generosidade, expontaneo, convicto.

Para quem tenha seguido a marcha da politica hespanhola, este facto não surprehende mas evidentemente para aquelles, que de Maura têm a opinião criminosa que a maçonaria lhes preparou quando da semana tragica, a ova-



LISBOA—Banquete offerecião pela Associação Commercial de Lisboa aos presidentes das associações commerciaes e industriaes e aos presidentes das camaras de commercio portuguezas

tinho do theatro... sentiu de repente no coração um impulso natural, e, irreflectidamente, nervosamente, pôz-se em pé e exclamou:

—Não, mãesinha, não! Não estou morto! Não chores, mãesinha da minh'alma!

E, chorando, saltou ao pescoço da mãe que, tambem comovidissima, o abraçou.

Fôra adulterada a obra; não era aquelle o final; mas o publico applaudiu delirantemente. Senhoras e cavalheiros, toda a plateia estava em pé, e os espectadores levavam os lenços aos olhos para limpar as lagrimas que irrompiam...

Aquella allucinação da creança era d'uma belleza superior ás bellezas da arte... Era a natureza na theatro, surgindo em toda a sua esplendorosa verdade.

JOSÉ ZAHONERO.



LISBOA—Commissão executiva do partido progressista nas exequias por alma do snr. Conselheiro José Luciano de Castro



ção de Madrid ha de produzir verdadeiro espanto.

Nenhum politico hespanhol tem sido mais combatido do que Maura porque nenhum tam-

que ultrapassa as fronteiras, que arma braços assassinos.

O povo, sempre generoso e bom, deixa-se ir na onda e odeia Maura, que a propaganda



LISBOA—Um aspecto da assistencia nas exequias por alma do sr. Conselheiro José Luciano de Castro, na igreja da Encarnação

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

bem, o pôde egualar em grandeza politica, em firmeza, em convicção.

Quando dos successos de Barcelona que elle dominou energicamente, restabelecida a ordem, assegurada a paz, Antonio Maura—comprehendendo que a sua missão não é conveniente aos interesses da sua patria tão tragicamente convulsionada, não tem uma hesitação e n'um rasgo de clarividencia politica, tem a suprema lealdade de apresentar ao rei a demissão collectiva do gabinete.

Começa então a guerra feroz, sectaria, louca, contra o grande politico hespanhol. Os republicanos que em toda a parte são os mesmos—mãos dadas com a maçonaria iniciam a mais violenta campanha de descredito. Aproveitando-se da agitação ainda latente, do rescaldo das paixões, fazem de Ferrer (*el vividor de Barcellona*, como resam pittorescamente as memorias de Muñoz de Vilhena) o martyr da ideia, o apostolo, o educador e de Maura o tyranno feroz, o assassino!...

Realisa-se a mais viva campanha contra o ex-presidente de conselho, no parlamento, nos jornaes, nos *meetings*, nos livros, nos dramas, nos discos dos gramophones pelas feiras e romarias—campanha terrivel, que se radica por toda a parte, que fomenta os maiores odios,



VIANNA DO CASTELLO—Edificio onde ultimamente foi inaugurada a Associação de Classe dos Maritimos



dissolvente lhe apresenta como uma fêra, sanguinario, sem coração, sedento de vingança e de sangue, e o curioso é que, a onda subindo, subindo, desvairada, cêga, vae do povo até á burguezia, da burguezia até á nobreza e chega onde mais alto pode chegar...

N'esse momento, todos creem na morte politica do grande estadista conservador.

Se um extranho suscitava a possibilidade do seu regresso ao poder, era acolhido com desprezo:

—*Maura*, — diziam — *no puede volver*... Fartei-me d'ouvir de todas as boccas, auctorizado por cerebrações até, este *de profundis* cruel da vida publica do grande politico mayorquino.

Toda essa gente cêga, victima da influencia perturbadora d'essa campanha unica, não queria vêr que a sahida de *Maura*, nas condicções em que se produziu, era a segura garantia do seu regresso.

Annos depois, em Hespanha, já se admittia a possibilidade da sua volta.

A politica hespanhola foi-se arrastando em equilibrios perigosos, só com o fim de evitar a sua subida ao poder. Enveredou para os liberalismos e deixou-se dominar pelo mais leviano acrobatismo politico.

Entretanto os republicanos affirmavam ainda—o regresso de *Maura* é a revolução, a lueta, o fim, e a opinião começava a insinuar: «*si, si, Maura tiene que volver*» e os conservadores escalaram o poder. O tempo fez depois o resto...

Eu nunca me enganei, Disse-o aqui, repetidas vezes, não porque quizesse armar-me em propheta mas, simplesmente, porque via desapassionadamente e a frio, a evolução da politica hespanhola.

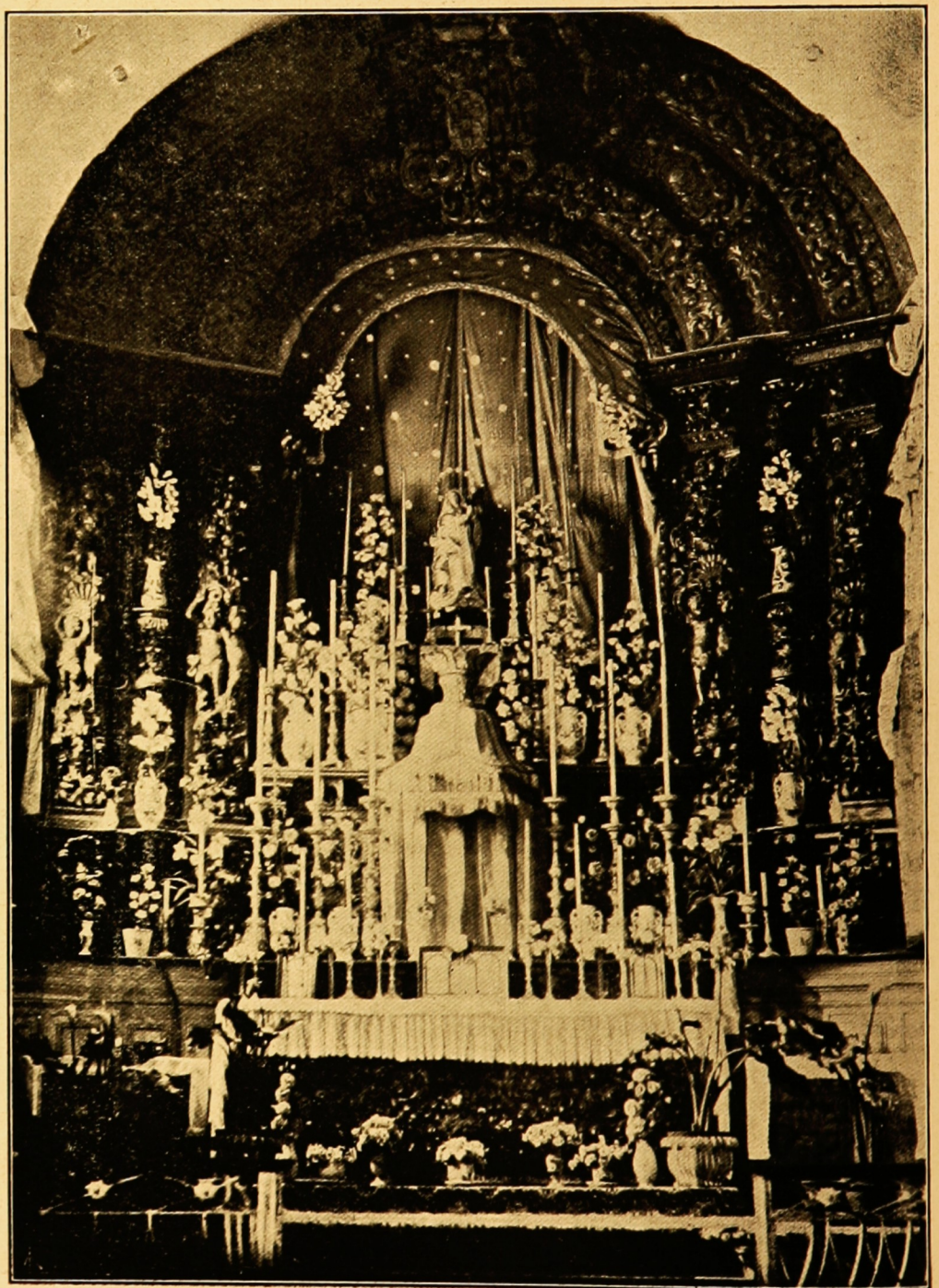
Esse homem, que indifferente aos ataques mas que sem fugir ás respostas, sem se furtar ás responsabilidades, sempre foi onde o chamavam, ha-de voltar no dia, em que extremados os campos, esgotadas as combinações conciliadoras com que Affonso XIII vae addiando a solução politica, a opinião veja apenas em *Maura* os principios d'ordem e de paz, a força conser-

vadora e salutar que todas as nações necessitam para viver... E *Maura* vae voltar de novo ao poder. Hoje? amanhã? não sei; mas desde o momento em que o povo o acclamou, estejam os sellos do estado nas mãos timidias de *Dato*, ou na posse manhosa de *Romanones* é *Maura* já, quem implicitamente dirige os destinos do seu paiz.

O povo, ovacionando-o em plena *carrera de S. Jeronymo*, não fez mais que mostrar que abriu os olhos e que ama a ordem, a lei, o trabalho, o progresso, que elle vê personificados na sua victima d'hontem, no seu idolo d'hoje.

O povo sempre generoso e bom, tem ás vezes d'estas incoherencias mas tem tambem d'estas sinceridades...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



BRAGA—Capella da Penha. O altar da Virgem durante o mez de maio

FIGURAS DA BEIRA

XXI

Dr. Cassiano das Neves

V

∞∞



Dr. Cassiano Neves convenceu-se, por fim, de que o seu fadario era soffrer. Luctou ainda, porém. As decepções eram successivas. Tudo lhe dava prejuizo. Até os falsos amigos o dilaceravam. E elle á espera do dia da fortuna, educando primorosamente os filhos, beneficiando a sua terra, devorando lagrimas n'um sorriso cada vez mais piedoso!

Mas, um dia, penetrou no seu abysmo financeiro, a qualquer dos mais bruscos rebates da realidade triste. O que viu horrorisou-o: mais, allucinou-o. Affigurou-se-lhe irremediavel uma estrepitosa fallencia—Julgou ver o desprezo e até

o rancor dos seus crédores na hora do desastre. Horriavelmente angustiado, tentou reagir. Luctou algumas semanas, procurando a taboa de salvação. A sua physionomia começou a ser dolorosa e concentrada. Todos o notavam. Não valeu talvez quem poderia, porque aquella lucta intima não a descobriu só quem, como eu, estava longe de suppor um



Commissão organisadora da excursão aos catholicos portuenses a Barcellos



BARCELLOS—A excursão promovida pelo Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto—Um aspecto do cortejo

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)





BARCELLOS—Batalha de flores. O sr. Joaquim Vieira Gomes da Costa, Antonio Ribeiro Meira e as meninas D. Rosa de Jesus Lima Bandeira e D. Maria Branca Vallongo no carro do repolho

desfecho mais tragico do que inesperado. Outros podiam e deviam ler melhor n'aquelle rosto tão animado e franco,

Não succedeu assim. Creio que julgaram o lance passageira crise, compativel com opportunismos. Outros affirmam que elle não ex-

se fôra um descrido. Deus sabe até onde foi a responsabilidade do seu unico crime. Só Deus sabe se o seu espirito não estava antes entenebrecido por uma especie de sinistra loucura, e tão grande, que se esqueceu da sua alma, da sua *individualidade*, em beneficio do que é se-

poz toda a lancinante verdade. Seja como fôr, eu notei-lhe as trevas do espirito. Vindo do Porto aonde fôra tentar o ultimo esforço, cahiu a carruagem em que fôra da Regoa e ferira-se, contundira-se, ficando muito abalado.

Fallei-lhe então. Era notavel o desequilibrio intimo. A expressão era tão tardia como reservada. Occultava evidentemente uma tenção grave. Qual? Passou-me pelo espirito que emigrasse. E emigrou... pelo suicidio, aquelle fervoroso crente, elle que escrevera os *Suicidas*, elle que a todos ensinava a confiança em Deus, o dever da lueta, do trabalho com resignação, com paciencia, embora tambem com ironia!

O dr. Cassiano Neves, na verdade, suicidou-se, cortando as arterias do pescoço como



BARCELLOS—Batalha de flores. As sr.^{as} D. Maria da Gloria Vieira, D. Maria Violeta de Paula, D. Deolinda Paula Torres e D. Joaquina da Cunha Vieira no carro das alcachofras



cundario—a *personalidade* — e beneficio só na apparencia, como o diz a verdade mais rudimentar.

Mas, horas antes de morrer, escrevia elle n'uma lettra que cada vez se convulsionava e estorcias mais, um documento do qual vou transcrever alguns periodos. Demonstra a sua lucidez, a sua sinceridade, o seu amor da familia, o horror que lhe flagellava e perturbava o espirito.

Começa assim:

—Cheguei ao extremo desespero da lueta que ha tantos annos venho travando a ver se me remia de encargos e chegava a fixar a felicidade dos meus e a minha.

Depois confessa:

—Desejando ser bom, fiz o bem que não podia aos outros. Entre elles muitos houve que ajudaram a minha ruina, uns conscientemente talvez, e outros inconscientemente. Perdõ-lhes tanto como desejava que me perdoassem...

E, mais abaixo, flagrante de sinceridade:

—Erros sobre erros, ingenuidade de caracter, logros larguissimos, successivos roubos, de que fui victima, conduziram-me ao abysmo da desgraça...

Mas, adiante, cheio de terror com a injustiça, declara:

—Juro á face de Deus—e elle sabe que eu não minto n'esta affirmacão!— que nunca quiz enganar ninguem.

O homem honrado e crente não se limita, porém, áquellas palavras.

Adiante repete:

—Vinte e tantos annos d'um martyrio in-



LAMEGO—Um grupo de monarchicos integraes

(Clichê de Candido A. R. Caldas).



COIMBRA—Penitenciaria. Grupo de presos politicos

1—Arthur de Vasconcellos Veiga de Faria. 2—Um filho do sr. Francisco Sequeira.—3 Antonio José Martins d'Oliveira (padre). 4—Alexandre Mimoso Ruiz. 5—D. Vasco Antonio da Camara (Belmonte). 6—Dr. Cordeiro Ramos. 7—Samuel dos Santos. 8—Arlindo de Figueiredo (padre). 9—Manuel Carvalho. 10—Francisco Sequeira. 11—Porphyrio Antonio Ferreira da Silva Araujo. 12—Abel da Conceição e Silva (padre). 13—Francisco Antonio Ferreira da Silva Araujo. 14—Antonio Caetano. 15—Antonio Vieira (padre). 16—Joaquim Ferreira Maneta (padre). 17—Eugenio Tavares d'Almeida e Souza.

comportavel, cortado [a espaços por esperanças de o vencer, e que me animavam na lueta. Juro ainda diante de Deus que essas esperanças não eram fingidas e, quando mostrava que as tinha, sentia-as realmente.

E, enfim, n'uma lettra tremula e torturada, ponderava o desastre de... não morrer, n'estas palavras de angustia:

—Se eu não conseguir morrer, que profunda desgraça me espera! Onde irei morrer, amaldiçoado de Deus, em quem tanto cri, e dos homens?...

Sim, era um crente em Deus o desventurado suicida. No mesmo documento, estupefundo de dôr e de verdade, afirma elle:

—Deus não quiz ajudar-me, porque eu o não merecia certamente, apesar de a



A "Ilustração Catholica,, no Brazil



MINAS GERAES—Grupo de creanças da primeira communhão, da vigararia de Poço de Caldas. No 1.º plano, sentados, o senhor Bispo de Ribeirão Preto, que administrou a communhão às creanças, o padre portuguez rev. Seraphim Augusto da Cruz, vigario, e catechistas

PORTO--A exposição de rosas no Palacio de Crystal

mim me parecer que procurava ser bom; faltava bastante aos seus preceitos, mas cria n'elle e muitas vezes defendia a sua santa doutrina.

E sempre o amor da familia.

São periodos lancinantes que o dizem. Um é cheio de justiça e ardor.

— Os meus pobres filhos e a minha trabalhadora mulher tiveram sempre em mim um conceito de justiça...

E a cada passo Deus e a familia o fazem vibrar de tragica eloquencia e sentimento.

—Serenem o seu espirito, unam-se a minhas boas irmãs...

—A minha pobre familia...

—Com a infamia do



PORTO—Corôa de flores naturaes. Expositor o sr. Jacintho de Mattos

meu nome, a minha pobre familia é perdida!

—E eu que procurei sempre dar aos meus filhos uma educação christã e honrada!

—Juro-o ainda á face de Deus que me ha de julgar!

Emfim, a certeza de que o grande desventurado soffreu largos annos o martyrio das difficuldades financeiras, lá está, nitida e irrecusavel:

— ... ás difficuldades que a minha má sorte creou, e que vem de largos annos, já do tempo da minha formatura...

Mas basta. O passamento do dr. Cassiano Neves feriu profundamente Lamego, e até quasi todo o paiz. Os seus funeraes foram d'uma es-



tranha e nunca vista imponencia e condolen-
cia. Os maiores orgãos da imprensa dedicaram
ao extinto palavras de honrosa e rara justiça.

A dôr em Lamego e no concelho, foi tão
viva, tão intensa, tão unica, que o lucto era
geral, lucto d'alma, lucto que todos os annos

ainda é renovado em commemorações piedo-
sas, arrancando ainda lagrimas de magua e sau-
dade.

Quanto a mim, julgo que Deus muito lhe
perdoou ao vê-lo cahir na quasi demencia de
tão punjente desespero. Quanto a mim, eu ve-
jo-o em espirito, como um
grande arrependido, sempre
luminoso e amoroso, a pedir-
nos a todos muitas orações
para viver a vida eterna que
merece pela sua bondade,
abnegação e amor.

JOSÉ AGOSTINHO.



PORTO—Exposição de Rosas. Um grupo de plantas diversas
do expositor sr. Alfredo Moreira da Silva & Filhos



PORTO—Exposição de rosas. Vista geral da exposição



Fastos do Catholicismo

∞∞

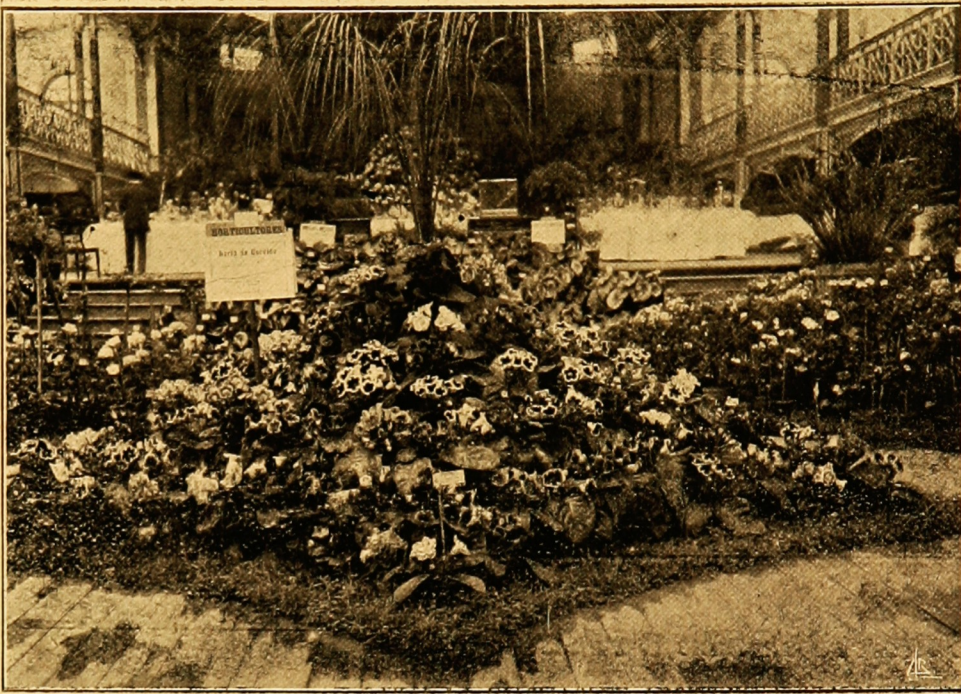
Valorosa replica de um senador catholico

O sr. Lamarzelle, eloquente defensor dos direitos dos catholicos, respondendo a um discurso anti-clerical, disse no Senado francez as seguintes phrases:

«Dizeis-nos que as nossas crencas succum-

bem diante do progresso da razao, e da sciencia! Como vos atreveis a fazer tal affirmacao quando so no seculo XIX podemos apresentar uma lista interminavel de sabios desde Ampere e Cauchy até Lapparent e Brauly? Como dizeis que succumbem as nossas crencas quando hontem uma emocionante sessao da Academia Franceza o sr. Paul Bourget affirmava as reiteradas declaracoes da juventude contemporanea, sedenta de ideias e de fe que so no catholicismo possue? Os catholicos encontram-se em toda a parte: nas grandes escolas, nas academias, nos cenarios da arte e do pensamento! E talvez o dia não esteja longe em que paraphraseando Tertulliano, possamos dizer:

«Nós tudo enchemos: vossos pretorios, vossas legioes, só deixamos os vossos templos, isto é, as vossas lojas.»



PORTO—Exposiçao de rosas. Um grupo de formosas gloxinias do Horto da Gervide, de Magalhães & Irmão

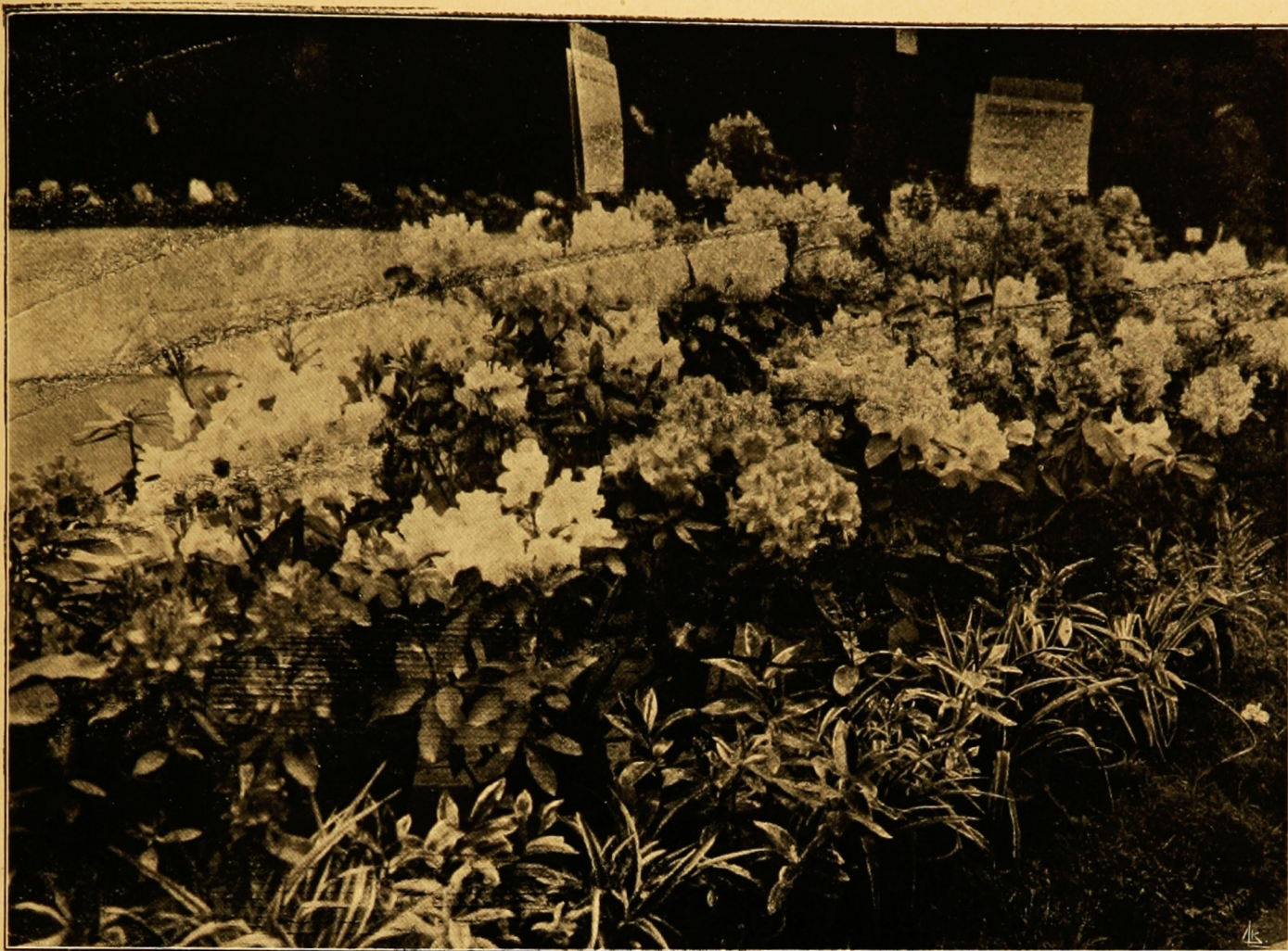
Missões catholicas

Os padres portuguezes da Companhia de Jesus—diz um periodico de Milão—estão fundando uma nova Missão na China, em Shin-Hing, proximo da ilha de Sanchon, onde expirou o grande S. Francisco Xavier, e que está convertida na quasi totalidade.



PORTO—Exposiçao de rosas. Uma meza com flores diversas. Expositor o sr. Jacintho de Mattos





PORTO—Exposição de rosas. Uma meza com rosas e outras plantas. Expositor o sr. Alfredo Moreira da Silva & Filhos



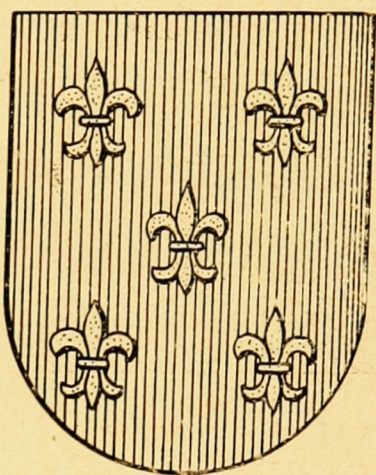
PORTO—Exposição de rosas. Um grupo de Rhododendron. Expositor o sr. Alfredo Moreira da Silva & Filhos

(Clichés do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim).

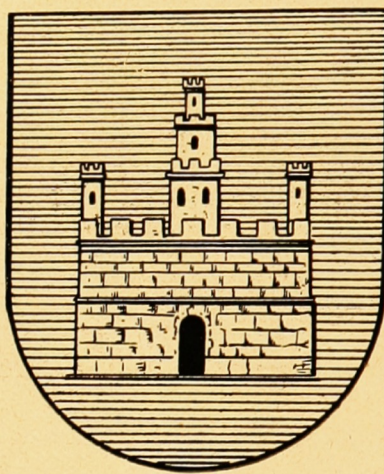


ARMARIA PORTUGUEZA

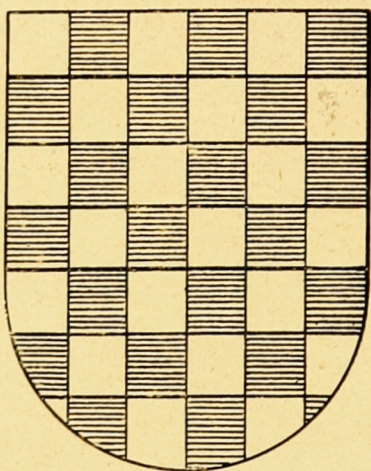
Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



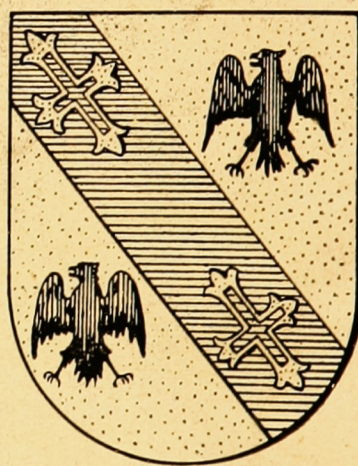
Albuquerque.—Em campo vermelho cinco flores de liz de oiro, dispostas em-santor.



Alcaçovas.—Em campo azul uma torre de prata lavrada de negro. Timbre: a torre das armas.



Alcoforado.—Campo enxequetado de prata e azul, de sete peças em faixa. Timbre: uma aguia azul, voante armada e enxequetada de prata na parte direita.



Almada.—Em campo de ouro uma banda azul, com duas cruces de ouro floridas entre duas aguias vermelhas estendidas. Timbre: uma das aguias armada d'ouro.

